
O jornalista como personagem: uma análise do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”¹

Pamela Tischer LIMA²
Luiza Carolina dos SANTOS³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

Este artigo analisa o podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, apresentado pelo jornalista Chico Felitti. O objetivo é analisar a presença do jornalista como personagem e narrador em sua história. A partir da revisão de literatura, foram exploradas as características do podcast, oralidade, radiojornalismo, e aspectos da linguagem narrativa e narração em primeira pessoa. Para a análise foi desenvolvido como aspecto central a narrativa do podcast, levando em consideração as seguintes características: 1) Intimidade entre o jornalista e ouvinte; 2) Inovação na apresentação dos episódios; 3) O jornalista como personagem; 4) Informalidade na fala; 5) Compartilha sentimentos e sensações com o ouvinte; 6) Detalha a apuração; 7) Subjetividade na apresentação; 8) Descreve lugares ou pessoas; 9) Insensibilidade com fontes.

PALAVRAS-CHAVE: Podcast; Storytelling; Narração em primeira pessoa; Linguagem narrativa; Chico Felitti.

INTRODUÇÃO

A crescente popularidade dos podcast no jornalismo tem gerado um interesse na compreensão dos elementos que moldam a experiência do ouvinte e a própria linguagem narrativa presente nesse meio. Por conta desse contexto, a pesquisa propõe uma análise do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, apresentado pelo jornalista Chico Felitti. Com base na perspectiva que os podcasts vêm se consolidando como uma ferramenta de informação no meio jornalístico, é importante estudar sobre como a linguagem narrativa presente nesse meio contribui para a imersão, através disso observar a utilização da narrativa em primeira pessoa, e como o próprio jornalista participa da história.

¹Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: ptischerlima@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Substituta do Curso de Jornalismo da UEPG, e-mail: luizacdsantos@gmail.com

Este artigo procura estudar a narrativa em primeira pessoa dentro de um podcast jornalístico. Como por exemplo, o uso do storytelling como uma técnica de narrar fatos em formato de contar histórias (Cunha; Mantello, 2014). A volta da narração em primeira pessoa no jornalismo contemporâneo, que muitas vezes é marcada pelo relato em forma de testemunho, além da parcialidade e afetividade, entre o sujeito que narra e seu público (Serelle, 2009).

Outro ponto também abordado nesta pesquisa, é a evolução do podcasting como uma tecnologia emergente de distribuição e consumo de conteúdo de áudio (Bonini, 2020). Serão apresentadas contribuições de Bonini (2020), Berry (2006), Viana (2020), Kischinhevsky (2018) e entre outros autores que pesquisam sobre esse formato de produto em áudio, para compreender as transformações dentro do podcast.

Em seguida, apresentar o podcast no jornalismo contemporâneo, a perspectiva de Trojan (2022) é fundamental para argumentar que a falta de uma fórmula específica para a produção de podcasts permite uma ampla variedade de conteúdos, desde entretenimento até informações jornalísticas. O desenvolvimento do formato podcast possui duas divisões de eras: uma marcada pela produção amadora e outra pela produção em massa, que deu origem aos novos modelos de mercados emergentes (Bonini, 2020).

CULTURA ORAL NO BRASIL E A ASCENSÃO DOS PODCASTS

A cultura oral sempre teve um papel predominante no país, moldando a forma como a informação é transmitida e consumida no país. O Brasil se destaca como um dos maiores consumidores de podcasts do mundo, refletindo uma tradição de oralidade que remonta ao período colonial. Durante essa época, a falta de uma imprensa estabelecida e a escassa circulação de livros entre Portugal e Brasil resultaram em uma sociedade fortemente baseada na comunicação verbal (Silva, 2017). A oralidade enraizou-se no cotidiano brasileiro, seja através de sermões religiosos, reuniões sociais predominantemente masculinas, ou interações com povos indígenas que compartilhavam conhecimentos por meio de histórias e mitos (Silva, 2017).

Segundo Barbosa (2010), a imprensa demorou a se estabelecer no Brasil. Até então, a transmissão oral de informações era a norma, com notícias sendo disseminadas

de forma verbal. “Numa sociedade oralizada por excelência, as letras impressas sempre foram mais ouvidas do que lidas” (Barbosa, 2010, p.21). A oralidade alimentava o jornalismo, mesmo quando este começava a se formar.

Com a chegada da rádio no final dos anos 1910 e sua popularização na década de 1920, a oralidade encontrou um novo meio de expressão. Inicialmente acessível apenas à elite devido ao alto custo dos equipamentos, o rádio gradualmente se tornou um meio de comunicação de massa, democratizando o acesso à informação (Ferraretto, 2014).

Luana Viana (2020) explica também que a construção da narrativa radiofônica consiste em entreter seu público. Atualmente, com as novas tecnologias, é possível desenvolver novas técnicas no conteúdo sonoro. Agora também o consumo de áudio não se limita somente a uma plataforma, podendo ser acessado em diferentes dispositivos. Por conta dessa facilidade de acesso, novas tecnologias continuam surgindo e aprimorando a experiência do ouvinte, como por exemplo, o áudio binaural ou áudio 3D, que antes era mais comum em apenas podcast, mas ao mudar para outros dispositivos o rádio consegue se apropriar de outras técnicas.

O termo “podcasting” teve sua origem em 2004, quando o jornalista Ben Hammersley se referiu a essa nova mídia como uma inovação para o rádio, destacando seu maior potencial, que seria o fato do produto ser acessado em qualquer aparelho de MP3 e ser gratuito. O jornalista faz uma brincadeira com os nomes, e junta as palavras “iPod” e “Broadcasting” (Berry, 2006). Em sua matéria, Hammersley estava contando sobre o crescimento dos conteúdos em áudios em formato MP3, onde é permitido que o público baixe e escute esses programas em vários aparelhos (Berry, 2006).

A evolução das tecnologias de áudio, especialmente a ascensão dos podcasts, trouxe novas dimensões à oralidade. Segundo Bonini (2020), os podcasts são uma inovação tecnológica que permite a distribuição, recepção e escuta sob demanda de conteúdo em áudio, têm se mostrado versáteis. Além disso, Bonini (2020) discute que o desenvolvimento do formato podcast possui duas divisões de eras: uma marcada pela produção amadora e outra pela produção em massa, que deu origem aos novos modelos de mercados emergentes.

Para João Henrique Trojan (2022) não existe uma fórmula específica para a produção de podcasts, o que permite uma abordagem mais criativa em sua produção,

que pode ir do entretenimento a conteúdos mais informativos. Sendo uma produção específica e personalizada de acordo com seu público, por conta dessas características o podcast é um formato que permite diversas mudanças e sempre apresenta algo novo, além de sempre ter um público diverso. Outro fator importante é que o público pode ouvir em qualquer lugar e não possui um horário fixo (Trojan, 2022).

Richard Berry (2019) apresenta cinco características comuns no meio de produção dos podcasts, que seriam eles: 1) Intimidade, pois normalmente os episódios são ouvidos pelo fone de ouvido, muitos são produzidos em casa e também por ter um público específico por conta de seu conteúdo, acabam se tornando um programa pessoal para o ouvinte; 2) Inovação, os podcast sempre apresentam uma inovação diferente, pois seu formato permite isso, além de não possuir muitas regras na maneira de fazer seu conteúdo; 3) Informalidade, por conta de ter uma intimidade maior com seu público a informalidade também aparece nesse formato; 4) Independência, pois muitos programas são gravados dentro de casa e não precisam de uma grande emissora; 5) Intermediação, afinal os criadores de podcast conseguem se comunicar diretamente com o seu público

A liberdade narrativa dos podcasts permite uma exploração mais profunda de experiências pessoais, criando um ambiente imersivo e emocional para os ouvintes (Lindgren, 2016). Esta capacidade de criar uma conexão íntima e direta com o público, muitas vezes através de fones de ouvido, destaca o potencial dos podcasts como um meio poderoso de comunicação oral contemporânea (Lindgren, 2016).

A NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA NO JORNALISMO

Para Felipe Pena (2009), o jornalismo literário não se limita a fugir dos padrões convencionais de redação ou ser exclusivo de livro-reportagem. Envolve narrativas cotidianas, múltiplos pontos de vista, cidadania, profundidade nas histórias e ausência de lead, criando textos marcantes para o leitor. Além disso, a prática do jornalismo literário exige romper com a periodicidade e a atualidade, proporcionando uma visão ampla e contextualizada dos fatos (Pena, 2009).

Para Nídia Sofia Faria (2011), as novas tecnologias de informação do século XX, especialmente a internet, facilitaram a adoção do jornalismo literário. Este estilo,

com sua estrutura de histórias e imersão, ganhou espaço ao atrair público, forçando grandes veículos a incluir entretenimento e textos literários. Martinez (2017) argumenta que o jornalismo literário permite que repórteres expressem suas interpretações do mundo, criando uma conexão com o público que compartilha essas dúvidas.

O termo storyteller pode ser traduzido como contação de histórias, no caso o jornalista seria o contador (teller) e a reportagem que está sendo narrada (story) seria sua história. Esse termo abrange diversos formatos, não apenas podcasts, e pode ser usado em notas, notícias e reportagens. No Brasil, a contação de histórias é amplamente utilizada para estimular a leitura infantil e como passatempo (Cunha; Mantello, 2014).

O storytelling consiste em narrar fatos como histórias, descrevendo cenas e personagens para recriar os detalhes do acontecimento (Cunha; Mantello, 2014). O objetivo é despertar sentimentos no público através da notícia, independente do formato, com o foco na identificação e apreciação do texto jornalístico. As histórias precisam cativar o público desde o início e permitir interpretações pessoais dos acontecimentos.

Luana Viana (2020) destaca que o storytelling já é utilizado em diversas áreas e formatos, não sendo algo novo. No entanto, essa técnica evolui e se adapta a diferentes formas de comunicação para cativar o público. A humanização das fontes e narrativas no jornalismo literário, onde as pessoas são retratadas como personagens reais, criam uma relação mais próxima com o público. Outra característica do storytelling no jornalismo é a reprodução das falas das fontes, que aproxima o ouvinte da história. No podcast, a voz das fontes traz uma dimensão adicional, enquanto o jornalista atua como narrador onipresente, com uma apuração densa e observação participante (Viana, 2020).

Uma história em formato de storytelling precisa de um bom começo para cativar o público e manter seu interesse até o fim. A teoria da pirâmide invertida, comum no jornalismo, não se aplica aqui, pois os fatos importantes são distribuídos ao longo do texto para manter o interesse. Muitas narrativas começam descrevendo cenários ou personagens antes de entrar nos detalhes importantes da reportagem (Cunha; Mantello, 2014).

Knvul Sheikh (2019) destaca que a narração em primeira pessoa, seja em textos escritos ou em áudio, tende a atrair mais leitores e mantê-los engajados nas histórias contadas dessa forma. Isso ocorre porque os leitores se sentem mais imersos em narrativas fictícias que utilizam pronomes em primeira pessoa. Sheikh (2019) também

explica que o uso tradicional da primeira pessoa em revistas diminuiu nas décadas de 1960 e 1970, mas voltou a ganhar destaque recentemente, especialmente no formato podcast, onde histórias contadas em primeira pessoa têm sido procuradas pelo público.

No jornalismo contemporâneo, a narrativa em primeira pessoa é observada em produções específicas, muitas vezes marcadas por relatos em forma de testemunho que incluem parcialidade e afetividade entre o narrador e seu público (Serelle, 2009). Essas narrativas valorizam o "eu" no produto jornalístico, escapando da objetividade tradicional para oferecer uma perspectiva mais subjetiva e envolvente. Sheikh (2019) argumenta que isso expõe lacunas na apuração jornalística, demonstrando que uma investigação profunda nem sempre revela toda a verdade, tornando os relatos mais autênticos.

Frank Harbers e Marcel Broersma (2014) destacam que o jornalismo narrativo, apesar de elogiado por sua riqueza e dinamismo na descrição dos fatos, também enfrenta críticas por potencialmente comprometer a veracidade dos acontecimentos em prol do entretenimento. Luana Viana (2021) complementa que o jornalismo em primeira pessoa não abandona a apuração rigorosa dos fatos, mas busca oferecer uma narrativa mais detalhada e pessoal, onde o narrador e jornalista se torna parte da história contada.

Os podcasts, em particular, utilizam bastante a narrativa em primeira pessoa para imergir o ouvinte na história, compartilhando dúvidas, opiniões e valores do apresentador enquanto explora diferentes perspectivas de um evento (Kischinhevsky, 2018). Essa abordagem não apenas cativa o público, mas também humaniza as histórias, conectando os ouvintes emocionalmente com os personagens e eventos narrados.

METODOLOGIA

O artigo analisa todos os episódios do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, apresentados pelo jornalista Chico Felitti. Para essa análise foi levado em consideração apenas um aspecto: observamos o jornalista participar da história, seja através da narração de sua apuração, em entrevistas com fontes ou em trazer aspectos de sua vida pessoal para contextualizar com a história narrada.

O trabalho consiste em analisar a forma pela qual, ao longo do podcast, o jornalista se constitui como um dos personagens da história, a partir da narrativa em

primeira pessoa. Afinal, os podcasts narrativos estão cada vez mais populares, e esse formato de conteúdo conquista ainda mais o público e o próprio jornalista, sendo este trabalho uma observação sobre a narração e o papel do jornalista na contação de história em podcast. Abrindo uma discussão sobre a centralidade do jornalista na narrativa em formato de storytelling em podcasts jornalísticos.

Dessa forma, para a análise foi desenvolvido como aspecto central a narrativa do podcast, levando em consideração as seguintes características: 1) Intimidade entre o jornalista e ouvinte (Berry, 2019); 2) Inovação na apresentação dos episódios (Berry, 2019); 3) O jornalista como personagem (Viana, 2021); 4) Informalidade na fala (Berry, 2019); 5) Compartilha sentimentos e sensações com o ouvinte (Viana, 2021); 6) Detalha a apuração (Viana, 2021); 7) Subjetividade na apresentação (Serelle, 2009); 8) Descreve lugares ou pessoas (Pena, 2009); e 9) Insensibilidade com fontes. Sendo esta última categoria, obtida através da análise do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, em seu primeiro e último episódio apresentou essa característica.

Todos os episódios foram ouvidos e decupados em uma tabela, organizada com uma coluna para as características analisadas e colunas separadas para cada episódio do podcast. As informações foram obtidas através da escuta e da anotação das falas do apresentador, incluindo a minutagem. Após concluir essa etapa, foi possível transformar a tabela em um texto descritivo, relacionado com a literatura presente na pesquisa.

DESCRIÇÃO DO PODCAST

“A Mulher da Casa Abandonada” é um podcast narrativo apresentado pelo jornalista Chico Felitti, disponibilizado pela Folha de São Paulo, lançado em 2022 e disponível em diversas plataformas de streaming de áudio. O podcast possui um total de 7 episódios, disponibilizados semanalmente entre junho e julho de 2022, com aproximadamente 40 minutos de duração em cada episódio. O podcast conta a história de Margarida Bonetti, a herdeira de uma família rica que vive em uma mansão abandonada em São Paulo e foi acusada de ter mantido uma funcionária em condições análogas à escravidão no Estados Unidos, sendo procurada pelo FBI.

A tabela 1, apresenta uma síntese dos episódios do podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, trazendo informações como título, sinopse, data de publicação e tempo de duração de cada episódio.

Tabela 1 - Síntese dos episódios analisados

Título dos episódios	Sinopse	Data de publicação	Tempo de duração
1. A Mulher	O episódio abre contando sobre uma mulher que vive em uma casa abandonada e estava tentando impedir que funcionários da prefeitura de São Paulo derrubassem uma árvore.	8 de junho de 2022	40min41s
2. A Casa	Neste episódio Chico escuta as histórias dos vizinhos sobre a mulher, descobrindo que seu nome é Margarida Bonetti, herdeira que estava foragida da polícia federal americana há mais de 20 anos.	15 de junho de 2022	53min05s
3. Uma Rua em Silêncio	O jornalista conta sobre o crime que Margarida Bonetti e seu marido, René, foram acusados nos EUA. Ela e René foram acusados de manter uma funcionária em condições análogas à escravidão.	22 de junho de 2022	35min40s
4. Uma Mulher e um Homem Livres	Esse episódio aborda um pouco da história do casal. Margarida consegue fugir da justiça americana, mas seu marido, René, é julgado e condenado nos EUA.	29 de junho de 2022	47min09s
5. Outras Tantas Mulheres	O podcast contextualiza e	6 de julho de 2022	44min52s

	apresenta dados sobre a escravidão contemporânea no país, trazendo outros casos que ficaram famosos no Brasil		
6. Um Fim que Não é Bem um Fim	Margarida Bonetti desaparece e o jornalista tenta se aproximar novamente da mulher, enquanto investiga o caso.	13 de julho de 2022	46min27s
7. A Mulher da Casa Abandonada	O podcast encerra com a entrevista com Margarida Bonetti.	20 de julho de 2022	55min06s

Fonte: elaboração própria (2024)

DISCUSSÃO E REFLEXÃO ANALÍTICA

A primeira característica observada em todos os episódios foi a inovação na apresentação dos episódios, o jornalista nunca começava com um lead, sempre descrevendo lugares, pessoas ou falando sobre sua apuração. O primeiro episódio abre com a seguinte narrativa:

Na manhã de quinta-feira, em Higienópolis, o bairro é um dos mais ricos e tradicionais da cidade. Um amigo meu, que é escritor, definiu Higienópolis como um pedaço de Suécia, transplantado para o centro de São Paulo. São quarteirões tingidos de verde por árvores que são exceção numa cidade que é cinza. Uma sensação de segurança paira no ar. Higienópolis é um dos poucos bairros em que o assalto ainda vira notícia de jornal (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 1, 00min01s-00min27s).

Observamos que Chico Felitti não utiliza o lead em seu texto para começar a contar a história, e também narra o episódio em primeira pessoa. Essa característica se repete ao longo de todo o podcast. Segundo Felipe Pena (2009) o formato do lead não pode ser utilizado no jornalismo literário, pois normalmente as obras desse gênero começam com a descrição de lugares ou pessoas ligadas à história.

Outro ponto observado durante a análise foi a intimidade entre o jornalista e o ouvinte. Foi identificado que esse aspecto está presente em todos os episódios do podcast. Afinal, a construção da narrativa em podcast é feita com muitos detalhes dos fatos relatados, criando uma rica descrição dos personagens, ambientes e dos

acontecimentos. Assim, o uso da primeira pessoa pelo apresentador é bem marcada nas produções de podcast, pois os apresentadores não deixam de comentar sobre suas próprias dúvidas sobre os fatos relatados, além de mostrar sua opinião. O jornalista sempre deixa claro seus valores e a busca pela verdade e um equilíbrio na apresentação de diferentes versões de um acontecimento (Kischinhevsky, 2018). Como visto neste trecho:

Tá, é bem provável que você já esteja se perguntando porque eu estava com o gravador ligado na manhã da antevéspera de natal, documentando sons da derrubada de uma árvore em um dos bairros mais ricos de São Paulo, enquanto uma moradora excêntrica tentava impedir funcionários públicos de trabalhar. E tem um motivo para isso, eu juro que tem. Porque faz meses que eu já quero conversar com essa mulher, e minha curiosidade nasceu por causa da casa onde essa mulher mora (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 1, 20min18s-20min42s).

Também foi observado que a informalidade na fala é algo presente em todos os episódios. Mia Lindgren (2016) explica que os apresentadores são altamente pessoais em suas apresentações e frequentemente compartilham aspectos de suas vidas cotidianas. Esse formato faz com que os ouvintes tenham a impressão de estar conversando com um amigo. O apresentador é responsável por guiar os ouvintes através das histórias de maneira íntima, criando uma lealdade ao programa, onde os ouvintes sentem que conhecem pessoalmente as pessoas que estão contando suas histórias. Como mostra nesse trecho:

Tá eu entendo sua frustração até porque eu vivi um frustração parecida. Vivi durante os cinco meses que eu tive que debruçar sobre essa história. Ela nasce porque a gente acredita na justiça. Se uma pessoa cometeu um crime, ela vai ser julgada por ele, se for considerada culpada vai ter que cumprir uma pena, que pode ser uma multa ou tempo de reclusão (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 6, 15min22s-15min42s)

Outro aspecto que se repetiu ao longo do podcast foi o fato do jornalista Chico sempre compartilhar sentimentos e sensações com o público ao longo dos episódios. Pois, como dito anteriormente, para Mia Lindgren (2016) os apresentadores são altamente pessoais em suas apresentações e frequentemente compartilham aspectos de suas vidas cotidianas. Como vemos no seguinte trecho:

Depois de 5 meses, eu to na esperança de dar um fim a essa história. É uma expectativa modesta, bem mais mística que os planos de meses atrás. Quando eu descobri que a mulher da casa abandonada era uma foragida, talvez tenha brotado em mim a expectativa de resolver alguma coisa, de ligar para o FBI e dizer tá aqui essa pessoa que vocês procuram e que um helicóptero fosse descer do céu e apreender uma pessoa procurada pela polícia. A justiça seria feita (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 6, 3min04s - 3min32s).

E por fim, outra característica presente ao longo dos episódios é o fato do apresentador descrever lugares e pessoas. A construção da narrativa em podcast é feita com muitos detalhes dos fatos relatados, criando uma rica descrição dos personagens, ambientes e dos acontecimentos (Kischinhevsky, 2018). Como observado nesse trecho:

A primeira foto que eu vejo é da cozinha, com as prateleiras cheias de comida, há várias caixas Tetra Pak de feijão pronto, 3 potes de achocolatado com um kilo e meio cada um, e pelo menos quinze garrafas de um litro e meio de suco de uva ocupando duas prateleira de uma estante inteira. Do lado da prateleira fica uma geladeira branca com uma aparência de nova, postadas em outra parede estão mais duas geladeiras, uma verde água e outra de cor creme com manchas de ferrugem (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 6, 22min50s -23min18s).

As características: o jornalista como personagem na história, detalha a apuração e subjetividade no roteiro, são repetidas ao longo dos episódios, porém no episódio cinco do podcast essas características não estão presentes, sendo observado que o apresentador adquire um tom mais sério durante o episódio. A entrevista principal do episódio também não foi feita pelo jornalista, algo incomum durante o podcast. O episódio trata de contextualizar os casos de trabalho análogo à escravidão que já aconteceram no Brasil e repercutiram na mídia, por conta disso, possui um tom mais sério, e não vemos tanto a presença de Chico Felitti na narração.

Apesar disso, o aspecto levantado sobre o jornalista como personagem na história se repete em todos os episódios com exceção do episódio cinco, como vemos nesse trecho:

Agora nós vamos discutir como a trajetória da Mari Muradas é parecida com a minha. Eu comento isso com ela, como nós dois tivemos curiosidade gêmeas e chegamos a mesma resposta (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 2, 5min28s-5min38s).

Chico Felitti também detalha sua apuração ao longo do podcast, como observado em:

Mas eu cruzo o saguão e vou até a bancada da recepcionista. Eu digo para a recepcionista que to ali pra ver Renê Bonetti, que talvez seja funcionário. Ela pergunta se ele tá me esperando e eu sou sincero, digo que não. Mas não digo que tô pra descobrir se o ex-marido de Margarida Bonetti de fato trabalha lá (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 4, 00min49s-1min16s).

A sua subjetividade no roteiro pode ser observada em diversos momentos, porém o mais significativo acontece no primeiro episódio, onde o jornalista apenas se apresenta depois de cinco minutos de programa. Porém, outro trecho do podcast que podemos observar essa característica é no episódio seis, como vemos a seguir:

Mas eu já adianto, do um spoiler mesmo, isso não vai acontecer. Porque é uma história real, e não uma ficção escrita por um estúdio de Hollywood. Acontece que eu escondi uma coisa de vocês até agora de propósito e eu peço desculpas, sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora. Vocês lembram da Mari Murada? (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 6, 3min39s- 3min57s).

Essas características estão presentes pois, segundo Kischinhevsky (2018), nos últimos anos, o jornalismo narrativo vem se transformando e envolvendo reportagens investigativas com uma apuração densa de informações, o que permite recriar um acontecimento através da narração dos fatos. Além disso, as reportagens contam histórias humanas de maneira que cativa seu público, conectando seu público com os personagens apresentados na história, através da emoção e identificação com o que está sendo narrado.

Por fim, a última característica levantada foi o fato do jornalista agir de maneira insensível com fontes, porém isso acontece apenas no primeiro e último episódio do podcast. Esse fato ocorreu com a mesma fonte, nas duas vezes que foram feitas as tentativas de entrevista, sendo essa pessoa a própria Margarida Bonetti. Enquanto escutamos, percebemos a alteração da voz do jornalista enquanto faz a entrevista e perde a paciência com sua fonte, em destaque no último episódio. Observa-se que o jornalista não possui o tom de voz amigável como nos programas anteriores, sendo possível observar nesse trecho: “A senhora está perguntando meu salário? Não é o caso de eu compartilhar essa informação com você” (A mulher da casa abandonada, 2022, episódio 6, 41min22s-41min30s).

Em resumo, é necessário ter um cuidado maior em narrativas que envolvem a contação de histórias em primeira pessoa. Pois, segundo Knvul Sheikh (2019) o uso da primeira pessoa em produtos jornalísticos nem sempre é bem recebido e, se mal utilizado, pode prejudicar o desenvolvimento da obra. O repórter pode acabar focando demais em si mesmo ou em descrições desnecessárias, tornando a narrativa cansativa. A narração em primeira pessoa deve ser utilizada estrategicamente para não comprometer a história e não apenas para mostrar que o jornalista estava presente ou justificar a falta de respostas obtidas. Essa característica é uma das mais presentes ao longo do programa; muitas vezes, o jornalista Chico Felitti se coloca no centro da história, tornando-se um personagem ativo em vez de ser apenas um narrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar a narrativa em primeira pessoa dentro de um podcast jornalístico, o objetivo é entender como o jornalista Chico Felitti se posiciona como um personagem ativo, em vez de ser apenas um narrador. Durante a análise dos episódios, observamos a inovação na apresentação dos episódios, com Felitti evitando o tradicional lead e optando por descrições detalhadas de lugares e pessoas, além de narrar suas próprias experiências e sentimentos. Essa abordagem cria uma intimidade com o ouvinte, dando uma impressão de conversa informal e pessoal, característica essencial para engajar o público de podcast.

A análise revelou que essa forma de narrativa em primeira pessoa é acompanhada por uma informalidade na fala e pelo compartilhamento de aspectos pessoais, o que aumenta a sensação de proximidade com o ouvinte. Contudo, houve momentos de insensibilidade com fontes, particularmente nas interações com Margarida Bonetti, onde o tom amigável do jornalista se perdeu. Estes aspectos destacam a necessidade de cautela ao usar a primeira pessoa em narrativas jornalísticas para evitar o risco de foco excessivo no narrador em prejuízo da história.

O estudo se baseou em autores como Cunha e Mantello (2014), que discutem o uso do storytelling como técnica narrativa, e Serelle (2009), que explora a volta da narração em primeira pessoa no jornalismo contemporâneo, marcada pela parcialidade e afetividade. A evolução do podcasting como uma tecnologia emergente foi abordada

com contribuições de Bonini (2020), Berry (2006) e Viana (2020), que destacam a transição do formato de uma produção amadora para uma produção em massa. Trojan (2022) também foi fundamental para argumentar que a flexibilidade do formato podcast permite uma ampla variedade de conteúdos, desde entretenimento até informações jornalísticas. Futuras pesquisas podem explorar essas características em outros podcasts para ampliar a compreensão sobre as diferentes abordagens narrativas e seus impactos na audiência.

REFERÊNCIAS

A MULHER da casa abandonada. [Locução de:] Chico Felitti. [São Paulo]: Folha de S.Paulo, 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBIen2Ki2dqV?si=-IDS9qS2RIOQRmeGC0jTPw>. Acesso em: 4 mar. 2024.

BARBOSA, Marialva. O século XIX como gênese: as primeiras gazetas. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro, Mauad X Editora, p. 19-48. 2010.

BARKIN, Steve M. **The Journalist as Storyteller, American Journalism**, p. 27-34. 1984.

BERRY, R. Will the iPod kill the radio star? Profiling podcasting as radio. **Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies**, v.12, n.2, p. 143-162, 2006.

BERRY, Richard. Mapping podcasts. **Radio & Podcast Academic**, Sunderland (UK). 2019.

BONINI, Tiziano. A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 11, n. 1, p. 13-32. 2020.

CORDEIRO, William; COSTA, Luciano. Jornalismo Imersivo: perspectivas para os novos formatos. In: **Revista Leituras do Jornalismo**, n.6, v.2, p.99-116. 2016.

CUNHA, Karenine Miracelly Rocha da; MANTELLO, Paulo Francisco. Era uma vez a notícia: storytelling como técnica de redação de textos jornalísticos. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v. 9, n. 2, p. 56–67, 2014.

FARIA, Nídia Sofia. Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características, **Comunicação Pública [Online]**, Especial 01E, p. 29-44. 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cp/210?lang=pt>. Acesso em: 18 mar. 2024.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura**, v. 14, n. 2, p.1-24, 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. De 1919 a 1923, os primeiros momentos do rádio no Brasil. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 3, n. 1, p.11-21, 2014.

HARBERS, Frank; BROERSMA, Marcel. Between engagement and ironic ambiguity: Mediating subjectivity in narrative journalism, **jou.sagepub.com**, Journalism Vol. 15(5), p.639–654. 2014.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista De La Asociación Española De Investigación De La Comunicación**, v. 5, n.10, p. 73-80. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.24137/raeic.5.10.24>. Acesso em: 25 mar. 2024.

LINDGREN, Mia. Personal narrative journalism and podcasting. **The Radio Journal: International Studies In Broadcast And Audio Media**. v. 14, n. 1, p. 23-41. 19 p. 2016.

PENA, Felipe. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, p.43-58. 2007.

SERELLE, Márcio. Jornalismo e guinada subjetiva. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano VI - n. 2, p. 33-44. 2009.

SHEIKH, Knvul. “Journalists as Characters: Using First-Person Narration to Drive Stories”. **The Open Notebook**, p.1-7, 2019.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis** / Maria Beatriz Nizza da Silva. 1º edição, 267 p. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2017.

TROJAN, João Henrique. **Podcasts e Valores-notícia: uma análise de conteúdo sobre O É da Coisa e O Assunto**. Monografia (Bacharel em Jornalismo). Curso de Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, p. 1-21, 2022.

VIANA, Luana. O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo: um debate inicial sobre podcasting. **RuMoRes**, v. 14, n. 27, p. 286-305, 2020.

VIANA, Luana. Áudio imersivo em podcasts: o recurso binaural na construção de narrativas ficcionais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 17, n. 2, p. 90-101, 2020.

VIANA, Luana. O áudio pensado para um jornalismo imersivo em podcasts narrativos. **Comunicação Pública**, v. 16, n. 31, p.1-19, 2021.

VIANA, Luana. O Jornalismo em Primeira Pessoa em Podcasts Narrativos: Encontros e Tensões Deontológicos. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Virtual**, p.1-15, 2021.